

## **Que fim levou o Civic Journalism?**

Marcio Fernandes (Brasil).<sup>1</sup>

### **Resumo.**

A presente investigação parte de uma efeméride – 25 anos – para se debruçar quanto à uma questão instigante: que fim levou o Civic Journalism (CJ), essa genial criação americana que tanto alvoroço causou na mídia ocidental nas décadas de 1990 e 2000? Considerada uma revolução sem precedentes quanto aos modos de pensar, fazer e publicizar o Jornalismo, o CJ surgiu de inquietações havidas na mente de um profissional respeitado em seu país, Davis Buzz Merritt, acerca das eleições presidenciais ianques de 1988, rapidamente ganhando eco em pequenos e médios jornais, em estações de rádio, no meio universitário, em centros independentes de pesquisa e assim por diante. Alastrou-se pela Colômbia, Bolívia, Argentina, Espanha, Portugal e, em pequena escala, chegou ao Brasil. Mas, a partir de 2005, começou a ruir. Origens, desenvolvimento e o que esperar do CJ estão no âmago deste estudo, portanto.

### **Palavras-chave.**

Civic Journalism; Origens; Desdobramentos; Rumos do Jornalismo

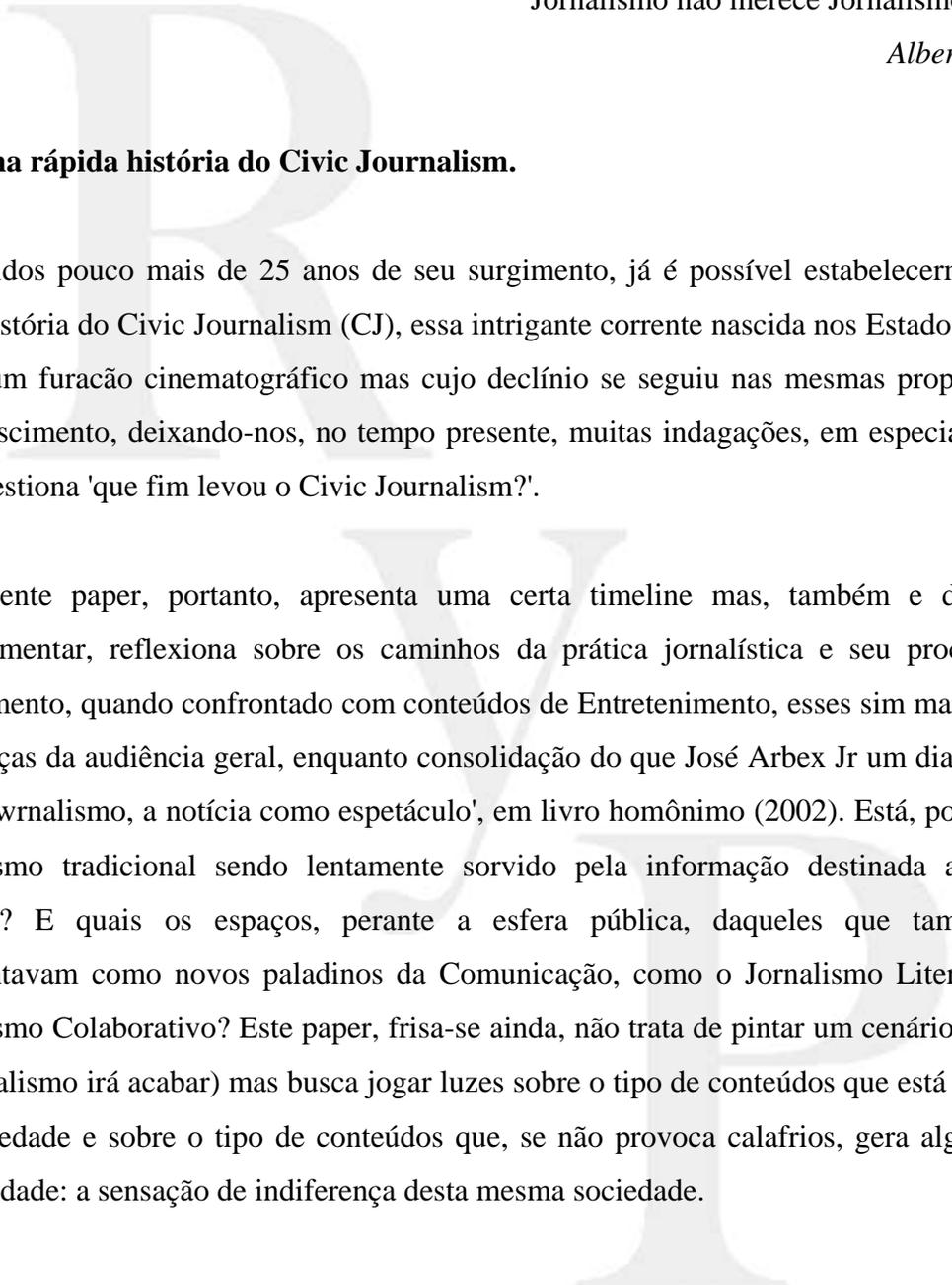
---

<sup>1</sup> Bolsista Produtividade da Fundação Araucária (Paraná), Brasil. Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil), com doutoramento-sanduíche pela Universidade de Lisboa (UL, Portugal). Diretor Sul e diretor para Assuntos do Cone Sul da Intercom (2014-2017). Professor adjunto B da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná, Brasil. Autor do livro *Civic Journalism: haverá um modelo brasileiro?* (2008). E-mail: [marciofernandes@unicentro.br](mailto:marciofernandes@unicentro.br).

## **Que fim levou o Civic Journalism?**

A sociedade que aceita qualquer  
Jornalismo não merece Jornalismo melhor  
*Alberto Dines*

### **Por uma rápida história do Civic Journalism.**

Decorridos pouco mais de 25 anos de seu surgimento, já é possível estabelecermos uma certa história do Civic Journalism (CJ), essa intrigante corrente nascida nos Estados Unidos como um furacão cinematográfico mas cujo declínio se seguiu nas mesmas proporções a seu crescimento, deixando-nos, no tempo presente, muitas indagações, em especial aquela que questiona 'que fim levou o Civic Journalism?'.  


O presente paper, portanto, apresenta uma certa timeline mas, também e de modo complementar, reflexiona sobre os caminhos da prática jornalística e seu processo de solapamento, quando confrontado com conteúdos de Entretenimento, esses sim mais e mais nas graças da audiência geral, enquanto consolidação do que José Arbex Jr um dia chamou de 'showrnalismo, a notícia como espetáculo', em livro homônimo (2002). Está, portanto, o Jornalismo tradicional sendo lentamente sorvido pela informação destinada apenas a divertir? E quais os espaços, perante a esfera pública, daqueles que também se apresentavam como novos paladinos da Comunicação, como o Jornalismo Literário e o Jornalismo Colaborativo? Este paper, frisa-se ainda, não trata de pintar um cenário fatalista (o Jornalismo irá acabar) mas busca jogar luzes sobre o tipo de conteúdos que está em voga na sociedade e sobre o tipo de conteúdos que, se não provoca calafrios, gera algo pior à coletividade: a sensação de indiferença desta mesma sociedade.

Recordemos que logo depois da visão profética de Davis Buzz Merritt, não foram poucos os pensadores americanos que, na década de 1990, dedicaram bastante tempo a

diagnosticar, a examinar detalhadamente e a prever acerca do futuro brilhante que teria diante de si o Civic Journalism. Reza a história que Merritt, um veterano e respeitado jornalista ianque, andava bastante desiludido com o mercado postado diante de si e que, findada a eleição presidencial dos Estados Unidos de 1988, criou o hoje mítico termo Civic Journalism (CJ). Fernandes (2008: 25) escreveu que:

Desencantado com a cobertura da mídia na campanha presidencial americana de 1988 (entre o republicano George Bush, o vencedor, e o democrata Michael Dukakis), Merritt começou a sustentar que as coberturas políticas necessitavam proporcionar uma discussão mais séria sobre os temas envolvendo a coletividade e que havia interesse dos leitores que assim fosse. Em um artigo no primeiro semestre de 1990, antes de se iniciar o pleito eleitoral para o governo de Kansas, ele estampou nas páginas do Wichita os planos do jornal para o próximo sufrágio: “Cremos que os eleitores têm o direito de que os candidatos abordem os temas em profundidade... (e os leitores terão) a oportunidade de compreender, em detalhes, os pontos de vista dos candidatos acerca dos assuntos de maior importância para o Estado do Kansas”, segundo relato de Sergio Bustos (2000), em texto veiculado na Internet.

Logo a seguir, pesquisadores como Jay Rosen (New York University) e Jan Schaffer (Pew Center) discorreram com propriedade sobre o assunto. Na América Latina, Ana Maria Miralles Castellanos, uma docente colombiana, despontou como liderança neste assunto. É célebre um artigo seu de 1998 denominado *El Periodismo Cívico como comunicación política*. No Brasil, salvo melhor juízo, coube a Carlos Castilho apresentar o assunto à Língua Portuguesa, fruto também de sua vasta vivência como correspondente internacional nos EUA. Luiz Martins e Marcio Fernandes também se lançaram sobre o tema com afinco, publicando artigos e livros. Em 2002, Lewis Friedland e Sandy Nichols, ambos da University of Wisconsin-Madison, publicaram um estudo vigoroso – *Measuring Civic Journalism's progress: A report across a decade of activity* -, dissecando práticas desta vertente havidas nos EUA entre 1994 e 2001. Do mesmo modo na Europa, estudos

consistentes foram identificados, sobretudo na Espanha (com Francisco Seoane e suas prospecções sobre as incipientes práticas de CJ em seu país) em Portugal, onde Nelson Traquina pontuou sobre o assunto em materiais como *O Estudo do Jornalismo no século XX* (2001).

Como pano de fundo para todas esses estudos, havia um amplo panorama de descrença no modo tradicional de se fazer Jornalismo, em especial nos Estados Unidos. Fernandes (2002: 105), recordando dados de Carlos Castilho (1997), lembrava que, por volta do final da década de 1980, o patamar de credibilidade dos diários americanos havia despencado de 51% para 21%, de acordo com o instituto Yankelovich Monitor. No segmento televisivo, por volta de 1995, o índice de credibilidade estava nos EUA em torno de 23%, menos da metade do que era possível ostentar sete anos antes.

Mesmo neste cenário ruim, embora possa parecer contraditório, eram anos alvissareiros para o Jornalismo, que carecia de uma lufada de renovação desde o mítico New Journalism (ou Jornalismo Literário) dos anos 1960, onde se sobressaíram Norman Mailer, Gay Talese e Truman Capote, dentre outros. O Pew Center, notemos, destacava-se como uma incubadora de projetos de CJ. Sites colaborativos mundo afora também funcionavam como espécie de centros de experimentação. Igooh.com, baseado em Buenos Aires, era um deles, liderado por Ignacio Escribano. Desde a Argentina, vinham também os escritos de Sabrina Carrasco, incluindo um texto on line para a revista Cambio Cultural (2002), no qual propunha uma espécie de roteiro para as práticas de CJ, com seis itens:

- ✓ Formação de uma aliança de meios de Comunicação, e eventualmente com a participação de outras instituições, para levar adiante a iniciativa;
- ✓ Realização de pesquisas para determinar a agenda cidadã;
- ✓ Seleção dos principais temas e realização de investigações jornalísticas profundas;
- ✓ Organização, por parte dos meios de comunicação, de reuniões públicas e painéis;
- ✓ Convocação dos candidatos a cargos eletivos para explicar suas posições e

propostas sobre os temas da agenda cidadã;

- ✓ Continuação da cobertura do processo eleitoral e dos painéis públicos.

Carrasco sabia do que tratava. Até então, pelo menos 1/3 dos projetos de CJ nos Estados Unidos baseavam-se em sistema de aliança – vide o emblemático caso de 1993 entre o jornal The Indianapolis Star e uma emissora de TV local para tratar, em uma série de reportagens, as relações entre brancos e negros, a partir do caso do ex-boxeador Mike Tyson, então envolto com a Justiça. A meta final versava sobre como melhorar tais relações. Um ano antes, o diário The Virginian Pilot, quando de eleições gerais nos Estados Unidos, havia distribuído aos candidatos a cargos regionais um formulário imitando pedido de emprego, no qual eles deveriam apresentar um currículo detalhado e apontar claramente o que pretendiam fazer caso eleitos. Depois, escreveu Fernandes (2002: 99), o jornal “convocou uma série de mesas-redondas entre os candidatos e eleitores para discutir a agenda levantada entre os leitores a partir das pesquisas de opinião pública”.

Práticas associativas como a do The Indianapolis Star igualmente eram encontradas na mesma Argentina (em Córdoba, um grande polo industrial, as Fundações Avina, Conciencia e El Agora estavam unidas ao jornal La Voz del Interior e às estações de TV Canal Doce e Cadena 3) e na Colômbia, com a Universidad Pontificia Bolivariana de Medellín liderando o projeto *Voces Ciudadanas*, que englobava dois jornais diários, três emissoras de TV e duas redes de Rádio.

Na Espanha, Seoane (2003) relatava as origens do CJ por aquelas terras: Na Espanha, o Civic Journalism chegou pelas mãos da Universidade de Navarra, tradicionalmente influenciada por correntes profissionais americanas. Foi a esta instituição que recorreu o Diário de Burgos para solicitar assessoramento na cobertura das eleições gerais do ano de 1993, e daí surgiu o único projeto de Civic Journalism levado a cabo na Espanha até agora. Neste projeto, puseram em prática, com as adaptações pertinentes, as técnicas empregadas pelo Charlotte Observer (diário americano) nas eleições presidenciais de 1992.

Em 2004, Castellanos, em mensagem eletrônica pessoal a este signatário, relatou a seguinte situação: Posso dizer-te que, na Colômbia, começamos imitando a idéia norte-americana de jornalismo público, mas agora definitivamente sinto que temos um caminho diferente, desde o teórico até o metodológico. De outro lado, em relação aos propósitos do jornalismo público, nosso objetivo também é construir uma opinião pública autônoma e creio que é verdade que isso passa primeiro por dar-lhes (às pessoas comuns), quem sabe pela primeira vez, a palavra. (...) Recordo a Pierre Bordieu que, em seu livro *A distinção*, comentava que as pessoas comuns podem parecer ignorantes em assuntos públicos e que isso se dá pelo fato de que as pessoas não se preparam para falar pois sabem, de antemão, que não lhes será dada a palavra.

Pouco antes, Jan Schaffer, em dois textos, do mesmo modo prescrevia um certo mapeamento a ser seguido. Em *Civic mapping* (2001) e *Tips for smarter reporting* (2002), ela mapeava (apud Fernandes, 2008, com grifos em itálico representando as falas originais de Schaffer):

*É necessário identificar os preconceitos e estereótipos que a imprensa tem da comunidade em questão.* Essa é uma questão particularmente relevante no cenário brasileiro, onde os meios de comunicação costumam ter fortes, fortes mesmo, estereótipos das comunidades periféricas ou de determinado grupo social (vide tópico adiante, denominado Escola de Gente). Acredita-se que diversidade étnica, a pobreza nas cidades interioranas e a enorme densidade demográfica nas regiões metropolitanas (quase sempre acompanhada de espetaculares índices de violência) sejam alguns dos fatores que contribuem para tanto. Obviamente, eliminar esses paradigmas significa começar a conhecer melhor uma comunidade;

*Determinar* (a exemplo do que já havia sido dito anteriormente, linhas acima) *quais são as lideranças oficiais (officials) e as informais da região (quasi-officials).* Carrasco traduziu esses dois grupos, para a língua espanhola, como catalizadores e conectores, respectivamente;

*Determinar os lugares onde os moradores falam informalmente sobre os temas da comunidade* (clubes, sede da Associação de Moradores, etc). Aqui também há uma particularidade brasileira. Muitos desses lugares comentados por Schaffer são bares e salões paroquiais, especialmente em cidades de porte médio e em grandes bairros das maiores cidades. Isso é algo bastante distinto, por exemplo, da Argentina, onde os bares e lanchonetes brasileiros

são substituídos pelos cafés, mais requintados dos pontos de vista decorativo e gastronômico.

*Visitar esses lugares e conversar com todas essas pessoas. Do que falam? Que temas lhes desperta interesse? É necessário entrevistá-las, deixando-as falar em seu próprio ritmo e fazendo perguntas distintas das convencionais: que coisas consideram valiosas? Quais são suas aspirações? O que querem dizer com essas palavras que usam frequentemente? Fazer entrevistas com final em aberto, perguntando da possibilidade de ampliá-las ou de buscar explicações adicionais mais adiante; Contrastar o conteúdo dessas conversas com os preconceitos que os meios de comunicação têm. Dessas entrevistas, sairão novos temas, ideias e sugestões de pauta.*

Mas, por volta de 2005, a roda da carruagem parecia estar com dentes se soltando, com o Jornalismo Colaborativo ganhando força, dentre outras correntes. Pew Center altera seu foco. É o primeiro e mais forte baque. A instituição passa a centrar forças em projetos apartidários que abordem 'questões, atitudes e tendências que influenciam a América e o mundo', como descrito no texto on line de apresentação do organismo, realizando 'sondagens de opinião pública, pesquisas demográficas, análises de conteúdos' e assim por diante.

No Brasil, não se constrói um modelo verde-amarelo e, como indicaria Fernandes logo a seguir (2008), apenas arremedos de CJ são vistos em alguns pontos do País. Novamente Carlos Castilho está à frente de seu tempo e aponta que o CJ começa a minguar. Em seu livro *Civic Journalism: haverá um modelo brasileiro?*, Fernandes (idem) aborda este tópico também, expondo os dilemas do Civic Journalism em nossas terras. Ainda não era meia noite mas a magia do CJ estava se esvaindo.

### **O dilema de um dilema.**

Veio do escritor brasileiro Luís Fernando Veríssimo uma visão que pode ser a chave para entendermos o que começou a se passar com o Jornalismo no século 21 e que afetou drasticamente o CJ. Disse assim ele: “Vivemos num tempo maluco em que a informação é

tão rápida que exige explicação instantânea e tão superficial que qualquer explicação serve” é o que se podia ler em uma das edições de abril de 1999 do jornal O Globo.

Era o Jornalismo em Tempo Real também ganhando corpo, portanto, enquanto uma nova onda que também parecia ser o melhor dos mundos. Sylvia Moretzsohn tratou desta vertente com propriedade, em *Jornalismo em tempo real – O fetiche da velocidade* (2002). Pois estava posto à luz de todos um dilema: em uma época na qual a sociedade estava ganhando gosto pela chamada 'informação instantânea', o que deveria fazer o Jornalismo? Aderir plenamente a este conceito ou tentar se reinventar na Era Digital mas sem se deixar atropelar pela velocidade, que poderia descambar para uma audiência que via no Entretenimento sua maior fonte de interesse. E, dentro deste cenário, surgiu um dilema deste dilema: era possível fazer CJ com estas regras de instantaneidade e interesse por conteúdos leves?

Não foram poucos os espaços de discussão sobre esta questão mundo afora. Nos Estados Unidos, por exemplo, um painel em 2009 promovido por canais a cabo de Cambridge, Massachusetts, deu visibilidade à esta indagação, por meio do especial *We report, we decide: civic media's impact on mainstream news*. Assim dizia o material de apresentação da iniciativa:

In recent years, civic media projects have increased in numbers around the world. Ordinary people armed with inexpensive production equipment are using the web to share news and information with others in their communities and beyond. What can mainstream media learn from these experiments in community news-gathering?

A pergunta final apontada acima – como a grande Mídia podia aprender esta nova forma de fazer Jornalismo? – era um dos cernes postos em discussão em vários cantos do Ocidente. O Jornalismo como um todo, via de regra, aderiu ao que Moretzsohn chamou com propriedade de 'fetiche da velocidade' e, assim, passou a dar razão à voz de Luís Fernando Veríssimo. Obviamente, isto é uma generalização e, claro, há excelentes exceções dentro e fora do Brasil. Mas exceções e não mais do que isso. Por consequência, o CJ (foco

principal da presente pesquisa) acusou o golpe, materializado em algo mencionado em linhas anteriores: em 2003, o Pew Center for Civic Journalism (um braço do Pew Center) deixou de existir, dando vez ao J-Lab, um organismo que voltava suas atenções para a disseminação das ferramentas da Informática com vistas ao engajamento das pessoas em causas públicas, como descrito em uma mensagem que instaurou o J-Lab (Pew Center, 2003):

J-Lab: The Institute for Interactive Journalism helps news organizations use innovative computer technologies to develop new ways for people to engage in critical public policy issues. It funds interactive news ideas and teams newsrooms with computer scientists to build software and dynamic news experience.

O Civic Journalism nunca mais se recuperaria. As rodas estavam de fato se soltando.

### **Nuances do que o futuro nos trará.**

Uma vez diagnosticado o fascínio pela velocidade, muitos foram os que se debruçaram sobre a mesa em busca de compreender como seria o Jornalismo do futuro. Um dos estudos mais interessantes saiu em 2008, pela visão da jornalista americana Persephone Miel (morta em 2010), denominado *Media Republic – examining the impact of Participatory Journalism on the information environment*. Ali, a autora prospectava sobre o que iria acontecer com este campo do conhecimento cujos primórdios estavam em 1600, quando os jornais inaugurais começaram a circular pela Europa, como bem conta Michael Kunczik em *Conceitos de Jornalismo* (1997).

- ✓ Naquele momento, Miel apontou quatro caminhos:
- ✓ Havia a necessidade de uma compreensão bastante profunda sobre as transformações pelas quais o consumo de notícias estava passando;
- ✓ Era importante mesclar a experiência coletiva das mídias clássicas com os novos

nichos de então, algo que, cabe ressaltar, era um dos eixos do Civic Journalism até aquele momento;

- ✓ Devia-se priorizar a construção de instituições capazes de produzir pontes entre os conteúdos gerados e os públicos consumidores;
- ✓ E, por fim, pontuava a pesquisadora, fazia-se necessário centrar forças em uma espécie de Jornalismo de Serviço Público focado em temas pouco explorados e em grupos sociais de baixa representação.

Não é demais dizer que, em 2008, o conceito de Jornalismo Colaborativo estava em voga. Qualquer um poderia escrever o que bem entendesse. Mais: muitos acreditavam que o futuro da Imprensa passava fundamentalmente pelos blogs. O tempo mostrou que nenhuma das duas opções eram confiáveis. O Jornalismo Colaborativo (ou Open Source) nunca se firmou e, admite-se, desandou para um caminho pouco produtivo do ponto de vista da confiabilidade das informações: em massa, os leitores deixaram de enviar dados minimamente razoáveis para que as redações apurassem e transformassem em notícia, ao mesmo tempo em que passaram a centrar suas forças em comentários nas versões on line do material jornalístico e, mais recentemente, em posts e *curtidas* em redes sociais, algo que, em última instância, pouco acrescenta à mencionada confiabilidade informacional. Algo similar se deu com os blogs: no ciberespaço atual, poucos são aqueles que sustentam um certo padrão de razoabilidade. Os que mantêm elevado índice de confiança da audiência são justamente aqueles que levados adiante por profissionais que vieram (ou ainda estão) das mídias clássicas, como os jornais diários.

Um estudo de 2014 corrobora essa visão: o suporte com mais baixo índice de credibilidade dentre a opinião pública verde-amarela é justamente o blog – 22% do imenso (em termos qualitativos e quantitativos) relatório *Pesquisa Brasileira de Mídia 2014 – Hábitos de consumo de Mídia pela população brasileira*, publicado pela Secretaria de Comunicação Social (SeCom) da Presidência da República do Brasil. As notícias veiculadas em redes sociais vinham logo a seguir, com 24%, pouco à frente de sites ditos jornalísticos (28%).

Em contrapartida, o mesmo documento aponta que 97% do público costuma ver TV regularmente, a mesma TV que é apontada por 76,4% (página 7) como o meio preferido para se informar. Ora, historicamente, a Televisão é uma mídia impressionantemente massiva e focada na produção de conteúdos diversionistas, algo que atualmente se materializa em um termo adotado por muitos autores, o Infotainment, um hibridismo que mescla justamente informação e formatos jornalísticos com conteúdos e narrativas mais leves.

Pois é justamente isso que a sociedade do futuro terá diante de si – um ocaso do Jornalismo dito tradicional e um fortalecimento do Infotainment. Quanto ao Jornalismo Literário, que no Brasil tem diversos expoentes de altíssimo nível (como a jornalista Eliane Brum), é provável que jamais ocupe espaço predominante na Imprensa brasileira, em especial nas zonas interioranas do País, onde as intrincadas relações econômicas com o Poder Público são uma barreira de difícil transposição. Continuará, portanto, sendo um nicho bastante delimitado, ainda que, reitera-se, de alta qualidade.

Não se trata do fatalismo da morte da Imprensa tal qual ela se consolidou ao longo do século 20 mas de sustentar que está ocorrendo uma transformação consistente que, salvo melhor juízo, não permitirá espaços para soluções inovadoras como as do Civic Journalism. Já em 1985, José Marques de Melo apontava o fortalecimento de uma vertente que, à época, denominou de 'diversional' (apud Soster et al, 2012: 101):

A natureza diversional desse novo tipo de Jornalismo está justamente no resgate das formas literárias de expressão que, em nome da objetividade, do distanciamento pessoal do jornalista, enfim, da padronização da informação de atualidade (...), foram relegadas ao segundo plano, quando não completamente abandonadas'.

Mais recentemente, em 2009, como bem indicam Soster et al (idem), Gustavo Castro e Silva discorreu sobre essa mesma vertente, em especial quanto à presença no Jornalismo Impresso, na medida em que os textos estavam sendo cada vez mais impregnados de técnicas literárias realistas (flashbacks, digressões, diálogos, aprofundamento psicológico

das personagens, narrador em primeira pessoa, etc) e, na qual o autor se preocupa menos em seguir padrões e técnicas soberanas em redações e jornais diários (lead, pirâmide invertida) e mais em dar ao leitor visão mais próxima o quanto for possível dos fatos, extrapolando os limites do jornal impresso.

Luiz Martins, em um texto basilar do começo da década passada, sustentou que o Brasil estava para alguns aspectos da vida social tal qual a Terra para algumas estrelas que já não existiam mas cuja luz finalmente estava chegando até nós. Dizia Martins, então, que algo similar ocorria com a Comunicação Social, na medida em que o Civic Journalism estava firme no horizonte no exterior mas que sequer havia tido no Brasil uma tradução consistente. Não é demais que, em 1997, Carlos Castilho apontou que pelo menos 400 projetos de Civic Journalism estavam em andamento nos Estados Unidos (Fernandes, 2002: 97). Uma visão profética, diga-se, pois devidamente acertada e que guarda seu valor.

De fato, o Civic Journalism nunca se firmou no Brasil. Nunca sequer perdurou por tempo razoável em alguns veículos enquanto visão filosófica do fazer jornalístico, ainda que, olhando-se o mapa nacional, seja possível encontrar práticas isoladas que possam ser enquadradas de alguma maneira, como nos diários O Povo (Fortaleza), Correio Braziliense (Brasília), Zero Hora (Porto Alegre), Jornal da Manhã (Ponta Grossa, Paraná) e Folha de São Paulo. Jan Schaffer (Fernandes, idem: 106), acerca dos benefícios do CJ, defendeu certa vez que

Para o Jornalismo (como um todo), observamos (a existência de um) Jornalismo de profundidade com ressonância mais autêntica com a comunidade, em vez de Jornalismo que apenas repete os dois lados da questão; observamos jornalistas redescobrimo suas comunidades e rompendo alguns velhos estereótipos; observamos todo tipo de inovações nas redações. Novas páginas, novos empregos, novos critérios, novas declarações de missão (...); por fim, o Civic Journalism produziu um ambiente que permitiu aos editores assumirem novos riscos.

Naquele momento – 2001/2002 -, o CJ representava muito mais do que uma leitura romântica deste campo da Comunicação mas uma luz, a mesma luz de que tratava Martins

que nunca chegou ao Brasil e jamais o fará.

Apenas rodas pululam por aí, eventualmente sendo recolhidas por pesquisadores que intentam saber como, em outras paragens, a engrenagem um dia funcionou.

R  
y  
P

**Referências bibliográficas.**

ARBEX JR, José (2002). **Showrnalismo, a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela.

CAMBRIDGE COMMUNITY TELEVISION, [www.cctvcambridge.org](http://www.cctvcambridge.org)

CARRASCO, Sabrina (2004). **Periodismo cívico**: la gente define la agenda y delibera sobre política. [www.cambiocultural.com.ar](http://www.cambiocultural.com.ar)>

CASTELLANOS, Ana Maria Miralles (1998). El Periodismo Cívico como comunicación política. **Nómadas**, v. 9, Universidad Central de Colômbia (UCentral), Colômbia

CASTELLANOS, Ana Maria Miralles (2004). **Periodismo cívico**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <marciofernandes@unipar.br> em: 20 jan. 2004

FERNANDES, Marcio (2002). **Jornalismo Cívico**: um estudo comparado dos modelos americano e brasileiro. In: HOHLFELDT, Antonio; BARBOSA, Marialva (orgs). **Jornalismo no século XXI: a Cidadania**. Niterói/Porto Alegre/São Paulo: UFF/Mercado Aberto/Intercom

FERNANDES, Marcio (2008). **Civic Journalism**: haverá um modelo brasileiro?. Guarapuava: Edunicentro

FERNANDES, Marcio (2008). **Civic journalism no Brasil**: a construção de um plano de referência para um jornalismo público. In: Actas do 5o Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho

FRIEDLAND, Lewis; NICHOLS, Sandy. (2002) **Measuring Civic Journalism's progress**: A report across a decade of activity. Washington: The Pew Center for Civic Journalism

KUNCZIK, Michael (1997). **Conceitos de Jornalismo**. São Paulo: Edusp

MORETZSOHN, Sylvia (2002). **Jornalismo em tempo real** – O fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan

PEW CENTER RESEARCH, [www.pewcenter.org](http://www.pewcenter.org)

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (2014). **Pesquisa brasileira de Mídia 2014**: hábitos de consumo de Mídia pela população brasileira. Brasília: SeCom

SEOANE, Francisco (2003). **Xornalismo cívico em Galícia?**. In: Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos, 1., Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos, 2., Porto, Anais.... Porto: Universidade Fernando Pessoa

SEOANE, Francisco (2004). **Periodismo cívico**. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: [marciofernandes@unipar.br](mailto:marciofernandes@unipar.br) em: 17 jan. 2004

SOSTER, Demétrio et al (2012). **Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo: diferenças que estabelecem diferenças**. In: Gêneros jornalísticos: teoria e práxis. Blumenau: EdiFurb

TRAQUINA, Nelson (2001). **Estudos de Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos

